

NEGROS
DO VALE
DO RIBEIRA

A CONTÍNUA
RECONSTRUÇÃO
DA LIBERDADE



Maria Celina Pereira de Carvalho

NEGROS
DO VALE
DO RIBEIRA

A CONTÍNUA
RECONSTRUÇÃO
DA LIBERDADE

 **FAPESP**

MERCADO[®]
 LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Maria Celina Pereira de
Negros do Vale do Ribeira : a contínua reconstrução da liberdade / Maria Celina Pereira de Carvalho. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2014.

ISBN 978-85-7591-314-7

1. Escravidão 2. Identidade 3. Parentesco 4. Quilombos - Vale do Ribeira (SP) 5. Religião I. Título.

14-02310

CDD-305.896081

Índices para catálogo sistemático:

1. Negros do Vale do Ribeira : Sociologia 305.896081

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
fotos: exceto as fotos da página 150, as demais são da autora.

1ª edição
ABRIL/2014
IMPRESSÃO DIGITAL
IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

À memória de meus pais, José e Eugenia.

*À memória de Gilberto, meu irmão caçula, tão especial
que me ensinou a amar como se não houvesse amanhã.*

*À memória de Edith, mãe adotiva, maior amiga,
minha Estrela Guia. Mulher negra, pouquíssimo alfabetizada,
foi minha maior mestra, ensinou-me as primeiras letras e,
com seu amor e sabedoria, me fez doutora.*

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa.

A todos os moradores do São Pedro e do Galvão, que desde minha primeira visita, em 1997, sempre me receberam com muito carinho. Todos, desde as crianças pequeninas até os mais idosos, foram meus mestres, cada um a seu modo. Às crianças, agradeço a alegria e o ânimo que sempre me transmitiram.

Devo um agradecimento especial a Jovita, que foi minha orientadora de campo, na medida em que foi minha principal colaboradora e guiou-me aos lugares anteriormente ocupados por seus antepassados na área do Galvão, além de disponibilizar seus cadernos de textos e de poesias. Também devo agradecer o zelo por minha segurança e integridade física em todas as vezes que estivemos caminhando pela mata. Agradeço por sua mão amiga e protetora e pela hospedagem durante vários meses, no decorrer desta pesquisa.

No São Pedro, devo agradecimentos especiais às famílias de Elvira e de Izair. A casa de Izair e Anália foi a primeira que conheci, em 1997, e a recepção com arroz, feijão, couve, farinha de mandioca e carne de boi, tudo produzido pela família, foi o primeiro sinal da amizade e do carinho de que eu viria a desfrutar no bairro.

Elvira também me acolheu em sua casa durante várias semanas, me dando o privilégio de sua generosa hospitalidade e disponibilizando seu precioso caderno de poesias.

Aos professores dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social e em Ciências Sociais do IFCH/Unicamp por terem me proporcionado uma enriquecedora experiência de aprendizado durante o mestrado e o doutorado, e em especial às professoras Suely Kofes e Lúcia

Ferreira pelos comentários, sugestões e críticas durante o exame de qualificação no doutorado.

Ao Professor Mauro Almeida pela orientação extremamente enriquecedora e competente. E por, desde o mestrado, sempre ter valorizado meu trabalho, transmitindo estímulo e coragem.

À Professora Manuela Carneiro da Cunha por ter me acompanhado, juntamente com o Prof. Mauro Almeida, numa viagem ao São Pedro e ao Galvão, e pelo privilégio das orientações que recebi de ambos durante essa viagem.

Às Dras. Michael Nolan, Sueli Berlanga e à irmã Ângela, pelas entrevistas, pela acolhida no Encontro de Mulheres em 2002, pelo apoio a esta pesquisa e pela confiança que depositam em mim e no meu trabalho.

À Professora Renata Paoliello pelo constante diálogo e pela leitura preciosa de um relatório de pesquisa numa época em que a estrutura final da tese ainda não estava muito clara para mim.

À Dra. Maria Elena Miranda, parceira de estudos, pelas várias leituras que fez de meus textos no decorrer desta pesquisa.

Ao Dr. Paulo Serpa pela leitura de versões anteriores de parte da tese e pela sagacidade das observações e sugestões feitas para esta pesquisa.

À Dra. Deborah Stucchi, antropóloga do Ministério Público Federal, pela generosidade de ceder-me seus gráficos de parentesco, cuidadosamente desenhados a mão, que me ajudaram na elaboração dos gráficos de parentesco presentes neste trabalho. E também pela disponibilização de documentos.

À Fundação Itesp pela disponibilização de mapas e tabelas, e em especial a Maria Ignez Maricondi pelo competente e cuidadoso trabalho de elaboração cartográfica.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
<i>Mauro William Barbosa de Almeida</i>	
Capítulo I	
SOBRE QUILOMBOS	17
Capítulo II	
A REGIÃO.....	23
Capítulo III	
OS BAIRROS DE SÃO PEDRO E GALVÃO	45
Capítulo IV	
MAGIA E RELIGIÃO.....	147
Capítulo V	
IDENTIDADE EM SÃO PEDRO E GALVÃO	181
CONCLUSÕES.....	217
BIBLIOGRAFIA	223

PREFÁCIO

Um livro como este fala por si, mas ainda assim é com orgulho que acedo ao pedido de Celina de Carvalho para acrescentar um prefácio a ele. É um belo livro que mostra como a Antropologia, utilizando todo seu repertório clássico de técnicas etnográficas, pode contribuir significativamente e com voz própria para compreender processos sociais contemporâneos – nesse caso, para iluminar o importante fenômeno da eclosão de reivindicações de *quilombos* em todos os recantos do Brasil e na Mata Atlântica em particular.

Em São Pedro e Galvão, no Vale do Ribeira, o africano Bernardo Furquim fundou no século XIX “um pequeno reinado africano em pleno Brasil escravagista”. É a mensagem central deste livro de Celina de Carvalho. Como se sabe, negros resistentes à escravidão formaram territórios livres por quase todo o Brasil, e os descendentes desses insurgentes reivindicam hoje o reconhecimento como quilombolas pelo Estado.

Na época em que a investigação antropológica de Celina de Carvalho foi realizada havia no Vale do Ribeira vinte comunidades negras que reivindicavam seu reconhecimento na categoria legal de remanescentes de quilombo, de um total de vinte e seis grupos no Estado de São Paulo. Esse número certamente cresceu nos anos recentes.

Como em muitos outros casos, essa pesquisa resulta da conjugação entre o projeto coletivo dos descendentes do “pequeno reinado africano” de Bernardo

Furquim e o projeto acadêmico de Celina de Carvalho. Essa conjunção colaborativa, acordada em uma reunião ainda nos idos de 1990, foi o ponto de partida da colaboração com os etnógrafos locais, portadores da sabedoria tradicional, entre os quais se destaca dona Jovita, a verdadeira orientadora de campo e autora ela mesma de belos e premiados trabalhos que resultaram das conversações que se seguiram.

Na autêntica atividade antropológica na qual busca se inserir Celina de Carvalho não há, porém, apenas colaboração entre interlocutores que permanecem, cada um deles, habitantes de seus respectivos mundos de vida e de saber. Nesse caso, assisti ao desenrolar de uma crise de identidade na própria pesquisadora, deflagrada pela sua percepção sobre a percepção que faziam dela.

A pesquisa de Celina levou-a a um périplo por trilhas nas Capovas, com auxílio dos moradores e apoiada nos satélites do Global Positioning System; e ao lado dessas linhas territoriais apoiadas na tradição e em técnicas novas, ela explorou a memória genealógica que conecta filhos e filhas a pais e mães, genros e noras a sogros e sogras, sobrinhos e sobrinhas a tios e tias, netos e netas a avós e bisavós. Essa rede mostrou-se dotada de profundidade no tempo geracional, revelando seu poder para conservar e manter um ente coletivo, os descendentes de Bernardo Furquim, e para ampliá-lo e estendê-lo por meio de uniões maritais. Outra ação dessa forma de grupo em rede é a possibilidade de cindir-se em lados ou facções: no interior do “reinado africano” não reina identidade apenas, mas também diferenças que expressam diferenças de interesse que são talvez inevitáveis quando aqueles que são herdeiros de autoridade e de território por isso mesmo competem pela precedência.

Aparece aqui o seguinte fato: estudos apoiados no método genealógico não perderam o valor técnico e político. É preciso apenas reconhecê-los pelo que são: de um lado expressão do uso de uma *linguagem de cálculo* (o pai de minha mãe é meu avô), de uma *pragmática* (“com parente não se negocia”, como diz o título de um artigo de K. Woortmann), e de uma *metafísica* (os “Furquim”) compartilham uma substância comum segundo as convicções locais.

Nos capítulos I e II, Celina de Carvalho retraça o pano de fundo histórico e legal sobre o “quilombo”, e é onde vemos no Vale do Ribeira um exemplo do surgimento de descendentes de povos escravizados que saem da invisibilidade para reclamarem reconhecimento e direitos. Mas é no capítulo III que começamos a ver o caso de São Pedro e Galvão com a luz minuciosa da pesquisa etnográfica. A história oral e escrita ganha vida e concretude com a contribuição da narrativa escrita por dona Jovita, formando um patrimônio coletivo que narra consensualmente a história de Bernardo Furquim, o escravizado que foge e funda um extenso grupo de parentesco. Descendência e casamento, poligamia e poliginia, alianças e cisões são parte da dinâmica histórica que essa narrativa de parentesco, terra e resistência revela em detalhes – em um diálogo dentre a historiadora-antropóloga, a narradora Jovita, e a literatura africanista.

O nexa entre história e parentesco é o fio condutor de uma análise densa e informativa sobre o processo de ocupação do território pelo povo descendente do “pequeno reinado africano” iniciado por Furquim. Há uma descrição etnográfica cuidadosa das relações entre esse povo e a paisagem do vale do Ribeira, na qual ganha relevo o papel dos antigos caminhos que interligavam locais de moradia permanente e as *capovas* que, resultado de roças temporárias, constituem fases de um processo de sucessão ao longo do qual a mata se regenera e diversifica. Essa descrição, com apoio em caminhadas por antigas trilhas na floresta, em narrativas dos velhos e no exame de imagens e mapas, e com imagens fotográficas que falam por si e constituem uma bela narrativa paralela nesse hipertexto, é uma grande contribuição à compreensão dos usos quilombolas da mata atlântica, vistos aqui como um processo. Deve ser contrastada com regras que, visando proteger a floresta, bloqueiam ciclos de uso, abandono e regeneração de manchas do território.

Ora, a trama do parentesco é utilizada como a base com a qual se organizará a ocupação da terra usada para viver e trabalhar – e agora a memória genealógica combina-se com a marca de ocupação passada que é a *capova*, objeto de uma das mais elucidativas seções do livro. A *capova*, como diz a autora, não é apenas a terra queimada para a agricultura – ela parte de um complexo e dinâmico ciclo de uso da terra para morar, para trabalhar e para que a própria natureza

repouse – articulando-se em rede e antropizando a floresta em vários ciclos de desenvolvimento.

Em suma, no capítulo III, vemos uma exibição da antropologia como análise de parentesco, trabalho e política, que – ângulos diferentes de análise de uma situação humana e histórica concreta – combinam-se como as faixas do espectro social na análise da textura da vida humana. Toda essa análise conclui-se pela descrição da entrada de fazendeiros e com o cisma entre São Pedro e Galvão, peça essencial para a compreensão da face invisível dos processos político-institucionais que acompanham as reivindicações territoriais de quilombo no contexto da grande propriedade e de conflitos locais.

Depois dessa exposição por assim dizer de conjunto, aparece uma descoberta que adensa ainda mais a pesquisa – que poderia ter parado nesse ponto: as histórias de magia e religião. Escrito com respeito e finura, Celina entra em uma esfera densa e profunda da vida – indo além da dimensão prático-material e apontando o mundo metafísico que é contudo tão real como o da vida familiar e agrícola. “O coração dos outros é terra onde ninguém anda”, diz um dos títulos dessa parte da terra – pois crenças metafísico-religiosas articulam-se a relações interpessoais carregadas de tensões e alinhamentos e que afinal alimentam os conflitos territoriais que já haviam sido introduzidos na seção anterior.

A expansão de religiões evangélicas aparece aqui associada a acusações contra as sínteses locais de catolicismo e religiões de origem africana – as acusações de “bruxaria”, opondo os “crentes” aos adeptos do *canoblé*, é um segundo fator de faccionalismo é outra contribuição significativa do livro de Celina de Carvalho.

Celina revela também como as cisões que dividiram ao longo do tempo o grupo dos quilombolas foram em parte atravessadas por diferenças cosmológicas, que ao longo do tempo opuseram o cristianismo dominante à religião de iorixás, estigmatizada como bruxaria e maldade.

O Capítulo V retoma o tema da identidade étnica, que havia sido introduzido no plano da lei e da política no capítulo inicial. Agora, o problema aparece iluminado pela etnografia densa que recobriu as relações interpessoais de filiação

e casamento, a constituição das paisagens antropizadas das capovas e a textura faccional dos movimentos religiosos – tudo à luz da memória ativa e presente do fundador ancestral do “reino africano” escondido na floresta atlântica. Mas aqui Celina afasta-se da tradição intelectual da antropologia onde ela buscou a inspiração para descrever esse quilombo brasileiro como uma reminiscência e uma reatualização de um reino africano na floresta atlântica. Aqui, memória e territorialidade aparecem ligadas à identidade – em diálogo com Arruti e Godói. Mas ela vai adiante, recorrendo à crítica do colonialismo de Frantz Fanon, e dirigindo sua conclusão para uma percuciente análise do racismo brasileiro. É quando o tom do livro deixa para trás a lente de aumento da etnografia, para confundir-se com a poesia.

Vimos as ferramentas da antropologia aplicadas à estrutura social no capítulo III, e como análise processual no capítulo IV. Mas depois de seguir a teoria antropológica clássica nas ideias básicas sobre conflito e faccionalismo local, o livro volta, após planos de análise de crescente complexidade e detalhamento, ao tema da autoidentificação do que é “quilombo”, agora enriquecida pela visão estrutural da genealogia, do espaço e do trabalho cooperativo, e pelos processos de conflito e de coalização que se expressam nas clivagens de religião, e ao fazê-lo articulam-se com a dinâmica estrutural da sociedade inteira. A essa altura, Celina invoca ideias que já não são as da antropologia social clássica: o “colonialismo introjetado”, e a “afirmação positiva da identidade” como resposta do colonizado ao colonizador. Celina traz uma lição importante: os conflitos cuja origem é estrutural e processual reencontram-se, contudo, na forma de dilemas internos à pessoa humana -- o que sou, e qual é o meu valor como pessoa face aos outros, e como esse valor é avaliado. Creio que aqui vemos um efeito da situação antropológica: a transformação, melhor dizendo conversão, da antropóloga pelo objeto-sujeito, e a transformação do sujeito-objeto na interação com a pesquisadora. O momento da fuga de Furquim é o da rejeição ao colonialismo no período escravista. O segundo momento, revelado pela história genealógica, é o da afirmação positiva como “reino africano” no Brasil. O terceiro momento é a rearticulação com o país que é expresso para fora na linguagem legal do “qui-

lombo”, mas aparece aqui, na voz de Jovita, como elaboração poética de sonhos de liberdade no futuro.

Exemplo da boa antropologia e da contribuição que uma etnografia densa e competente pode dar para a compreensão do fenômeno dos quilombos e para a defesa dos direitos territoriais e intelectuais dos negros brasileiros que moram neles, a tese de doutoramento de Celina de Carvalho que deu origem a este livro, também originou dois ensaios premiados. Em 2006, ela recebeu o II Prêmio Territórios Quilombolas, promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário em parceria com o Incra, a Sepir, a ABA e a Anpocs, tendo sido classificada em segundo lugar na categoria “ensaio inédito – doutorado”, com um ensaio baseado no capítulo III deste livro. E em 2009 ainda recebeu menção honrosa para publicação na terceira edição do mesmo Prêmio Territórios Quilombolas, na categoria “ensaio inédito – doutorado”, com outro ensaio baseado no capítulo IV deste livro.

Jovita, que, como já dissemos, foi a verdadeira orientadora de campo de Celina, foi ganhadora da segunda e da terceira edição do mesmo Prêmio Território quilombolas, ambas as vezes classificada em primeiro lugar na categoria “autores quilombolas”.

Mauro William Barbosa de Almeida